

HIPOGEUS FUNERÁRIOS DO BRONZE PLENO DA TORRE VELHA 3 (SERPA, PORTUGAL). O SUDESTE NO SUDOESTE?!

Hipogeos funerarios del Bronce Pleno en Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). ¿El Sureste en el Suroeste?!

Middle Bronze Age funerary hipogea from Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). The Southeast inside the Southwest?!

Catarina ALVES*, Catarina COSTEIRA*, Susana ESTRELA*, Eduardo PORFÍRIO*, Miguel SERRA*, António M. Monge SOARES** y Marta MORENO-GARCÍA***

* *Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda. Apartado 4078. 3031-901 Coimbra, Portugal. Correo-e: geral@palimpsesto.pt*

** *Instituto Tecnológico e Nuclear. Estrada Nacional 10. 2686-953 Sacavém, Portugal. Correo-e: amsoares@itn.pt*

*** *Instituto de Historia, CCHS. CSIC. Albasanz, 26-28. 28037 Madrid, España. Correo-e: marta.moreno@cchs.csic.es*

Recepción: 2010-04-12; Revisión: 2010-04-16; Aceptación: 2010-11-11

BIBLID [0514-7336 (2010) LXVI, julio-diciembre; 133-153]

RESUMO: Recentes intervenções arqueológicas levadas a cabo no Baixo Alentejo (Portugal), no âmbito do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EDIA), têm proporcionado a identificação de importantes vestígios do Bronze Pleno do Sudoeste. Neste artigo, apresentam-se os primeiros dados referentes a um dos maiores conjuntos de hipogeus funerários, com essa cronologia, descoberto no Sudoeste Peninsular, no sítio de Torre Velha 3 (Serpa). Os contextos funerários em causa mostram claras semelhanças com os do mundo argárico, nomeadamente nos rituais, na arquitectura e no espólio ofertado. Assim, os hipogeus são formados por um átrio, que pode ter diversas formas, e que dá acesso a uma cripta ou câmara escavada na rocha, a qual é selada por lajes de pedra. Os esqueletos humanos, em posição fetal, encontram-se geralmente na câmara. Estes são acompanhados de artefactos cerâmicos e metálicos e de oferendas cárneas, o que indicia a ocorrência de rituais de comensalidade, aquando dos enterramentos. A datação pelo radiocarbono de amostras ósseas pertencentes às oferendas cárneas permitiu atribuir uma cronologia dentro do segundo quartel/ inícios do terceiro quartel do II Milénio a.C. a estes hipogeus.

Palavras-chave: Bronze do Sudoeste. Bronze Argárico. Hipogeus. Rituais de comensalidade. Portugal.

RESUMEN: Recientes intervenciones arqueológicas realizadas en el Bajo Alentejo (Portugal), en el ámbito del Proyecto de Alqueva (EDIA), han permitido la identificación de importantes vestigios del Bronce del Sudoeste. En este artículo se presentan los primeros datos de uno de los mayores conjuntos de hipogeos funerarios de esa época, excavado en el yacimiento de Torre Velha 3 (Serpa), que muestra claras semejanzas con el mundo argárico, sobre todo en los rituales, en la arquitectura y en el ajuar ofertado. Así, los hipogeos están formados por un atrio, que puede tener diversas formas y que da acceso a una cripta o cámara escavada en la roca, sellada por lajas de piedra. Los esqueletos humanos, en posición fetal,

se encuentran generalmente en la cámara, y se acompañan de artefactos cerámicos y metálicos y de ofrendas cárnicas, lo que constituye un indicio de la realización de rituales de comensalidad con ocasión de los entierros. La datación por radiocarbono de muestra óseas pertenecientes a las ofrendas de carne permitió asignar a estos hipogeos una cronología dentro del segundo cuarto/inicios del tercero del II Milenio a.C.

Palabras clave: Bronce del Sudoeste. Bronce Argárico. Hipogeos. Comensalidad. Portugal.

ABSTRACT: Recent archaeological excavations in the Portuguese region of Baixo Alentejo, carried out under the implementation of the irrigation project connected with the Alqueva Dam (EDIA), have brought to light important finds dated to the Southwestern Bronze Age. In this article, the first data of one of the largest funerary hipogea assemblages, found in Torre Velha 3 (Serpa), are presented. The funerary contexts show similarities with those from the Argaric Culture, namely as far as the rituals, architecture and offered items are concerned. Each funerary structure is composed of an atrium connect with a chamber (an artificial cave cut into the rock) closed by vertical slabs. Normally individuals were inhumated in a flexed position inside the chamber. Grave goods consist in pottery, metal artifacts and also meat offerings which point out to a ritual of commensality performed when the burial took place. Radiocarbon dating of bone samples taken from the meat offerings allowed ascribing to these hipogea a chronology on the second quarter/ beginning of the third quarter of the II Millennium BC.

Key words: Southwestern Bronze Age. Argar Culture. Hipogea. Commensality. Portugal.

1. Introdução

O sítio de Torre Velha 3 (TV3) foi intervencionado por uma equipa da empresa *Palimpsesto Lda.*, de Outubro de 2008 a Abril de 2009, no âmbito do projecto de *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*, elemento integrante do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva. O sítio foi alvo de duas fases distintas de intervenção arqueológica, perfazendo uma área de 13.996 m²,

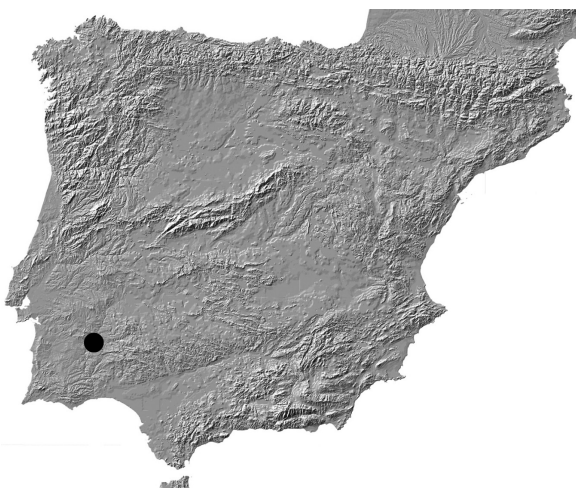


FIG. 1. *Localização de Torre Velha 3 (Serpa) na Península Ibérica.*

correspondente à área afectada directamente pela infra-estrutura da Barragem. O quadro das realidades detectadas durante esta intervenção arqueológica é muito variado, encontrando-se o estudo dos materiais arqueológicos exumados e dos contextos identificados ainda numa fase muito preliminar.

TV3 é um sítio arqueológico do Baixo Alentejo, situado na Herdade da Torre Velha, freguesia de São Salvador, concelho de Serpa e distrito de Beja (Fig. 1). Ocupa uma elevação suave, ligeiramente mais acentuada pelos lados Norte e Oeste, sendo delimitada a Nascente e a Norte pela Ribeira da Laje, afluente da Ribeira do Enxoé. O tipo de relevo é característico da peneplanície alentejana que, nesta zona, se revela por uma imensidade homogénea de ondulações de terreno muito pouco acentuadas, com cotas máximas que variam entre os 200 e os 300 m.

A intervenção arqueológica de campo permitiu registar um conjunto variado de estruturas negativas de tipologia e funcionalidade diversas – um *campo de hoyos* (Fig. 2) – cuja primeira ocupação data do Calcolítico, com reduzida quantidade de contextos mas de relevante interesse. Seria mais tarde ocupado no Bronze Pleno. Registam-se, para esta época, contextos de cariz habitacional e funerário, de entre os quais se destaca um dos maiores conjuntos de estruturas funerárias em hipogeu – 25 monumentos – encontrados até à data no Baixo Alentejo e mesmo no Sudoeste Peninsular. Também da I Idade do Ferro e da Antiguidade Tardia foram registados

diversos contextos arqueológicos, designadamente um grande número de fossas tipo “silo”¹ datáveis desta última época (Alves *et al.*, no prelo).

Neste artigo apresentam-se as primeiras informações sistematizadas, obviamente ainda com carácter preliminar, referentes a um tipo de contexto – o dos hipogeus – de grande raridade no quadro do mundo funerário do Bronze do Sudoeste. Exceptuando o referente ao hipogeu de Belmeque (Schubart, 1974; Soares, 1994; Mederos Martín, 2009), são praticamente inexistentes, até ao momento, as publicações relativas a este tipo de contextos aparecidos em Portugal. Apenas Valera e Filipe (2010) publicaram recentemente uma notícia sucinta e preliminar sobre um outro pequeno conjunto de hipogeus, provavelmente desta época, objecto de intervenção arqueológica de campo em 2009, no sítio de Outeiro Alto 2, também no concelho de Serpa. A sepultura de Belmeque era considerada, até agora, como uma ocorrência excepcional e de carácter exógeno, possuindo claros paralelismos com o mundo funerário argárico.

Os trabalhos de campo recentemente concluídos em TV3 permitiram, como se verá a seguir, a identificação de uma série de monumentos funerários que apresentam características, ao nível construtivo

¹ Optou-se por esta designação para uma maior facilidade de distinção de outras tipologias como, por exemplo, as das fossas correspondentes aos designados “fundos de cabana”, as quais ocupam, cada uma, uma área muito maior, com limites geralmente irregulares, mas de menor profundidade, ou as associadas a lareiras ou fornos. Com a designação fossas tipo “silo” ou fossas “silo” não se pretende sugerir que a sua função original ou em qualquer altura da sua utilização tivesse sido a de um silo, mas sim que a sua tipologia é semelhante à daquelas que o registo arqueológico permite atribuir, com alguma segurança, essa funcionalidade (veja-se, por exemplo, a Fossa 9 da Pedreira de Trigaches 2, forrada com cortiça e com milhares de sementes de cevada no fundo, em Antunes *et al.*, no prelo).



FIG. 2. Panorâmica da zona NE da intervenção de campo.

e dos rituais funerários, aparentadas com aquelas identificadas em Belmeque e que questionam essa sua excepcionalidade e exogeneidade apontando, antes, para uma ligação entre o Sudeste e o Sudoeste peninsulares, situação que não se vislumbrava anteriormente a esta intervenção.

2. Os contextos funerários de tipo hipogeu

No que se refere ao mundo funerário da Idade do Bronze presente em TV3, foram identificados três tipos de estruturas negativas. Para além dos hipogeus, já atrás referidos, foram utilizadas para a realização de enterramentos interfaces negativas do tipo fossa “silo”, em número de sete, e, num único caso, foi realizada uma inumação num nicho/gaveta de planta rectangular escavado na parede de uma fossa em “poço”². Nas fossas “silo”, com depósitos de enchimento atribuíveis ao Bronze Pleno, foi identificado um total de onze indivíduos colocados em deposição primária, além de uma redução e de um ossário³. Exceptuando-se um

² Fossa de planta circular e perfil em “U”.

³ Por redução compreende-se uma arrumação de um modo mais ou menos caótico de um esqueleto completo, a fim de permitir a deposição de um novo corpo. Por ossário, um pequeno conjunto de ossos soltos, os quais não correspondem a um esqueleto completo.

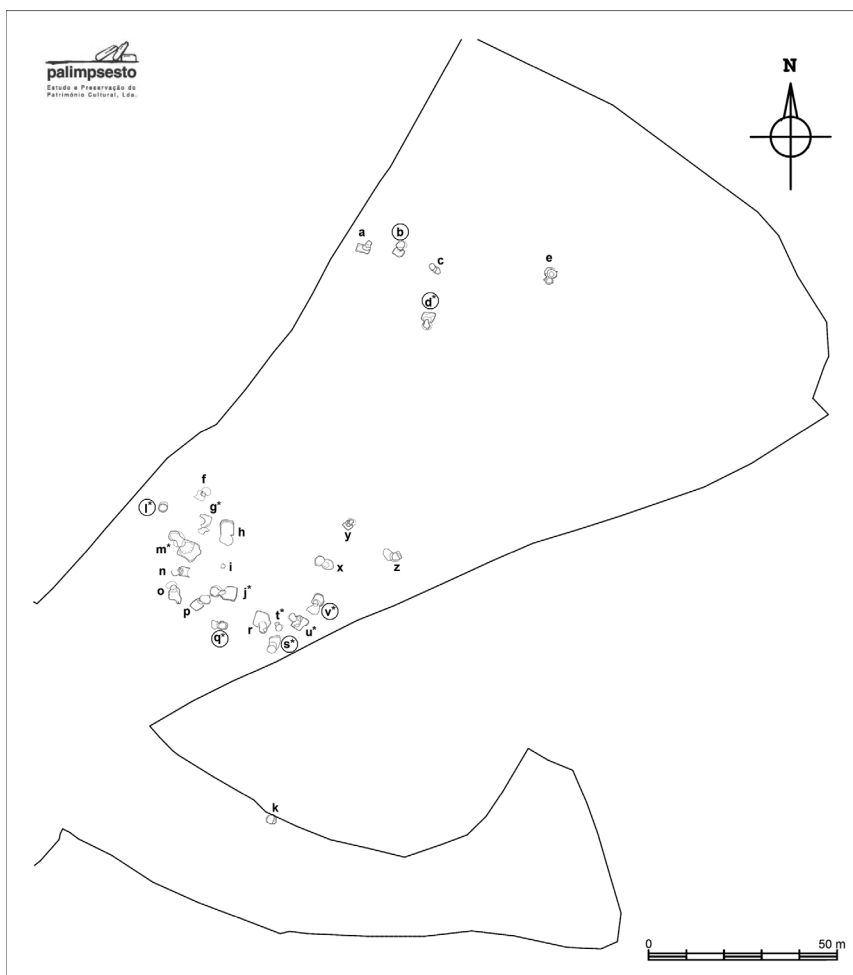


FIG. 3. Planta de localização dos 25 hipogeus registados em TV3. As linhas a cheio delimitam a área da intervenção de campo. Assinalam-se com um asterisco os hipogeus onde foram registadas oferendas cárneas e com um círculo os datados pelo radiocarbono. **a** - [2471] - [2472]; **b** - [2550] - [2551]; **c** - [2215] - [2231]; **d** - [2498] - [2497]; **e** - [573] - [574]; **f** - [2417] - [2418]; **g** - [2356] - [2357]; **h** - [1319] - [1320]; **i** - [968]; **j** - [1086] - [1622]; **k** - [2236] - [2237]; **l** - [2119] - [2120]; **m** - [1267] - [1792]; **n** - [1712] - [1713]; **o** - [1769] - [1770]; **p** - [1284] - [1415]; **q** - [1662] - [1664]; **r** - [1395] - [1394]; **s** - [1949] - [1950]; **t** - [1947] - [1948]; **u** - [1298] - [1695]; **v** - [1489] - [1490]; **x** - [1157] - [1156]; **y** - [697] - [710]; **z** - [1307] - [1370].

caso de enterramento duplo, com os indivíduos depositados em posição ventral, abraçados pelas costas e com dádivas funerárias constituídas por uma taça carenada sob os crânios e um vaso fragmentado na extremidade oposta da estrutura, todas as restantes inumações primárias eram individuais, em posição fetal,

sem dádivas funerárias, com a pouco provável exceção de uma situação em que o indivíduo inumado era acompanhado por uma possível oferenda cárnea (u.e. 2280)⁴.

Contudo, as estruturas funerárias com maior expressividade numérica, com uma cronologia atribuível ao Bronze do Sudoeste, são os hipogeus. Estes, a par do nicho, em forma de gaveta, escavado na parede de uma fossa em “poço”, são estruturas negativas cuja construção e utilização foi planeada com fins exclusivamente funerários. No total foram identificados, como já referido, 25 hipogeus, os quais se dispõem em dois agregados, encontrando-se apenas um hipogeu aparentemente isolado (Fig. 3). Deverá notar-se, no entanto, que cada um apresenta particularidades quer ao nível da morfologia da interface negativa, quer da tipologia das inumações, quer na constituição das dádivas funerárias, ou mesmo, ao nível da formação sedimentológica/sequência estratigráfica, muitas vezes perturbada pela acção antrópica dos períodos posteriores. Contudo, existe uma clara normalização do ponto de vista do

⁴ Foi recuperada, junto ao esqueleto, uma 1ª falange completa de bovino, o que poderá indiciar, embora consideremos pouco provável, uma oferenda cárnea idêntica às que apareceram em contextos de hipogeu em TV3.

planeamento arquitectónico destes monumentos, isto é, em todos eles existe um átrio ou antecâmara, onde eventualmente decorreriam determinados rituais, a qual comunica com a câmara ou cripta, destinada à inumação de indivíduos e deposição de oferendas (Fig. 4). Essa comunicação, na grande maioria dos casos, e atendendo ao desnível altimétrico entre as bases do átrio e da câmara, era realizada através de uma rampa, existindo três casos em que a solução adoptada se traduziu num escalonamento ou degrau. A condenação da câmara era realizada mediante a colocação de um robusto conjunto de elementos pétreos em cutelo ou na vertical que, em treze dos casos identificados, recorreu à utilização de uma argila muito rígida e de grão grosseiro, preenchendo e, de algum modo, impermeabilizando os espaços vazios entre os elementos pétreos.



FIG. 4. Hipogeu [1489] - [1490]. Em primeiro plano o átrio.

das antecâmaras rectangulares, a câmara é escavada na extremidade oposta à do acesso ao átrio; nos restantes casos, a câmara é construída numa parede lateral, permitindo um acesso menos directo, desde

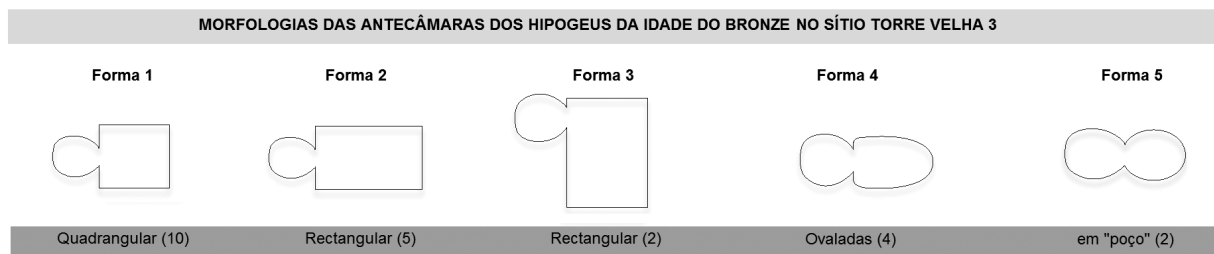


FIG. 5. Proposta tipológica para a configuração das antecâmaras dos hipogeus. Entre parênteses o número de exemplares.

Se, por um lado, o corte da interface das câmaras funerárias possuía genericamente uma forma ovalada, base plana e paredes de tendência côncava, já no que refere aos átrios, verificou-se uma multiplicidade de situações, sendo que a opção pela construção de um átrio de forma quadrangular é superior às demais. Assim, existem dez registos de átrios quadrangulares, quatro com planta ovalada, dois com forma circular (em "poço"), sete com feição rectangular (Fig. 5) e dois cuja morfologia desconhecemos, dado o seu grau de destruição. Em cinco

a entrada do átrio, resultando numa planta em "L" invertido (ver Fig. 5).

Quanto à orientação dos hipogeus⁵, a maior parte encontrava-se orientada segundo a direcção SO – NE mas, em alguns casos, optou-se pelas direcções S – N

⁵ A orientação dos hipogeus foi estabelecida a partir de uma linha imaginária dividindo no sentido longitudinal a câmara e a antecâmara. Nos de planta em "L" invertido, a orientação do hipogeu foi considerada como sendo a do eixo maior da câmara.



FIG. 6. *Inumado [2032], em decúbito dorsal, junto a uma redução/ossário. Hipogeu [2498] – [2497].*

e SE – NO, parecendo assim não ter existido qualquer critério de implantação no espaço deste tipo de contextos funerários. As opções construtivas ter-se-ão pautado por razões de ordem prática, aparentemente sem qualquer espécie de significado ritual.

Foi possível recuperar do interior destes sepulcros 23 esqueletos, um ossário, cinco reduções, dois registos de ossos isolados e 48 oferendas funerárias, designadamente artefactos em cerâmica, em metal e em osso, contas de colar e oferendas cárneas.

Como é apanágio neste âmbito cronológico, o tipo de deposição dos indivíduos sepultados nos hipogeus de Torre Velha 3 foi invariavelmente fetal, salvo uma excepção, cuja explicação deverá relacionar-se com a dimensão corporal do indivíduo ou, mesmo, com a condição física do morto e com o espaço disponível para a sua inumação (Fig. 6). Este indivíduo [2032] encontrava-se em decúbito dorsal, com os membros inferiores flectidos. Em quatro casos, não foi possível observar qualquer inumação no interior da câmara funerária, situação que poderá derivar de razões tão distintas como destruições na área do sepulcro, fenómenos pós-deposicionais relacionados com a preservação dos

restos osteológicos ou, eventualmente, uma remoção pós-inumação primária dos indivíduos. Das 20 inumações singulares identificadas nas câmaras apenas 5 possuíam episódios de redução. Numa única situação, foi observada a existência de uma inumação dupla no interior da câmara, junto a duas reduções. Casos excepcionais eram também, por um lado, uma deposição de um esqueleto numa antecâmara em forma de “poço” e, por outro lado, uma redução cuja eventual associação a um esqueleto em inumação primária posterior se desconhece, dada a ausência no registo arqueológico de restos osteológicos que lhe correspondesse.

Na maior parte dos casos de inumação, o processo de decomposição dos corpos terá ocorrido em espaço aberto, de acordo com a informação da equipa de Antropologia que realizou a intervenção antropológica de campo⁶, exceptuando-se quatro enterramentos – [1134], [1340], [2367] e [2368] – que terão sido imediatamente cobertos por sedimentos.

No que respeita à orientação dos esqueletos, tal como acontece com a orientação dos hipogeus, parece não existir qualquer tipo de uniformidade.

Dada a singularidade de cada monumento, seja a nível morfológico, seja pelas características das inumações, seja pelas diferentes dádivas funerárias, apresentam-se alguns dados preliminares sobre os casos mais paradigmáticos deste tipo de estrutura sepulcral.

2.1. Hipogeu [1298] – [1695]⁷

Neste hipogeu, com orientação Nordeste-Sudoeste, foi depositado na câmara um indivíduo

⁶ Relatório dos trabalhos de Antropologia biológica desenvolvidos no âmbito da minimização de impactes no sítio da Torre Velha 3, da autoria de M. T. Ferreira, datado de 2009 [policopiado].

⁷ Os números entre parêntesis referem-se à antecâmara e à câmara, respectivamente. O mesmo acontece para os hipogeus que se referem a seguir.

adulto [1570], de sexo indeterminado, com orientação Noroeste-Sudeste. Encontrava-se a ele associado o espólio mais numeroso e diversificado, do ponto de vista da variedade material e formal, registado em TV3. É constituído por um punção em liga de cobre⁸ de secção circular, por uma lâmina de punhal com rebites (Fig. 7), provavelmente da mesma liga metálica, por três vasos de cerâmica, sendo dois em calote esférica e um outro de corpo esférico e bordo vertical (Fig. 8), e por uma oferenda cárnea (u.e. 1571).

O grau de destruição a que o TV3 foi sujeito afectou quase todas as estruturas funerárias escavadas em gruta artificial, nomeadamente no tecto. No entanto, este hipogeu (e também o hipogeu [1489] – [1490] – ver Fig. 4) corresponde a um exemplar em que esta situação não se verifica, ostentando uma câmara perfeitamente conservada.

2.2. Hipogeu [1662] – [1664]

No contexto dos monumentos funerários intervencionados, a antecâmara [1662] deste monumento foi a única que forneceu um adulto [1361], de sexo indeterminado, depositado em decúbito lateral esquerdo, orientado de Nordeste para Sudoeste e sem qualquer espólio funerário associado. Esta estrutura apresentava uma planta de morfologia circular, tipologicamente inserida no âmbito das antecâmaras em forma de “poço”.

Um pequeno ressalto no solo original marcava a diferença para a câmara [1664], de planta trapezoidal, na qual foi inumado (Fig. 9) junto a uma redução, o indivíduo [1534], um não adulto. O acervo era constituído por uma taça (Figs. 9 e 10) aparentada com forma 7 argárica (Schubart, 2004) e por uma oferenda cárnea (u.e. 1601), que foi datada pelo radiocarbono.

⁸ Os artefactos metálicos recuperados em TV3 encontram-se em fase de análise no Instituto Tecnológico e Nuclear. Não é ainda possível dizer se o metal utilizado num qualquer artefacto é cobre ou cobre arsenical ou bronze.

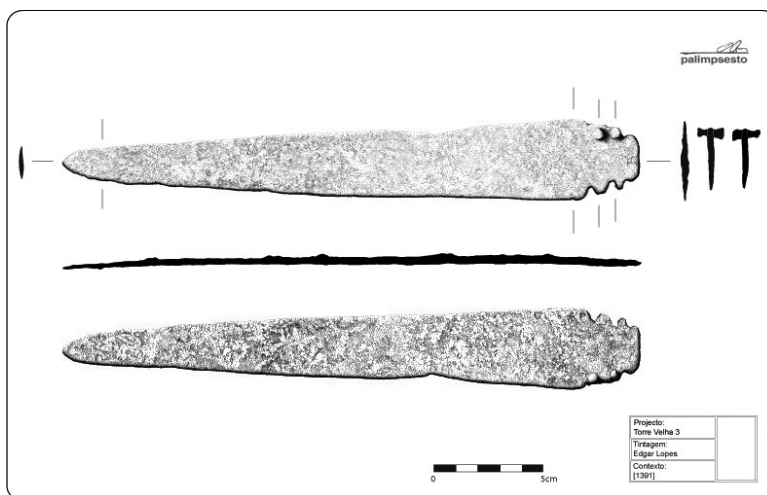


FIG. 7. Punhal de rebites associado à inumação [1570].

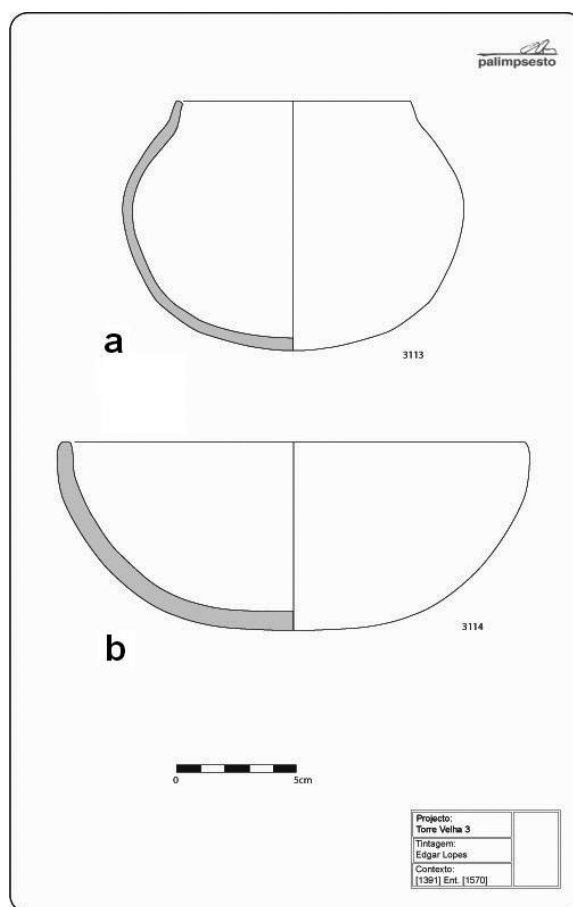


FIG. 8. Algumas das dádivas funerárias em cerâmica da inumação [1570].



FIG. 9. Inumação [1534] junto a uma redução/ossário. O vaso de cerâmica, ainda in situ, é uma taça com pé similar à forma 7 argárica (Schubart, 2004) – ver Fig. 10.

No estado actual dos nossos conhecimentos afigura-se complexo relacionar temporalmente as deposições humanas e artefactuais identificadas neste hipogeu, uma vez que não se encontram ainda disponíveis dados bio-antropológicos pormenorizados. No entanto, a análise estratigráfica sugere-nos duas possibilidades: o indivíduo [1534] ter-se-á decomposto em espaço aberto, sendo que, só após a deposição de [1361], ambos os espaços funerários

terão sido simultânea e definitivamente selados ou, ao invés, no momento em que o esqueleto [1534] foi coberto por um depósito sedimentar, já o esqueleto [1361] havia sido sobreposto por um outro enchimento, com características diferentes.

2.3. Hipogeu [2498] – [2497]

O complexo funerário [2498] – [2497] apresenta-se com uma orientação Sul-Norte. Sensivelmente na zona central da câmara foi inumado um indivíduo adulto do sexo masculino [2032], em decúbito dorsal, com os membros superiores e inferiores flectidos e estes últimos tombados para o lado esquerdo do corpo (Fig. 6).

O único elemento de espólio presente no interior da câmara era uma oferenda cárnea (u.e. 2489), já datada pelo radiocarbono.

Trata-se claramente de um indivíduo de grande porte, cujo corpo foi “moldado” ao espaço sepulcral existente. A razão pela qual foi colocado em decúbito dorsal, caso único em TV3, pode, eventualmente, prender-se com as suas características físicas ou com razões patológicas inerentes ao cadáver.

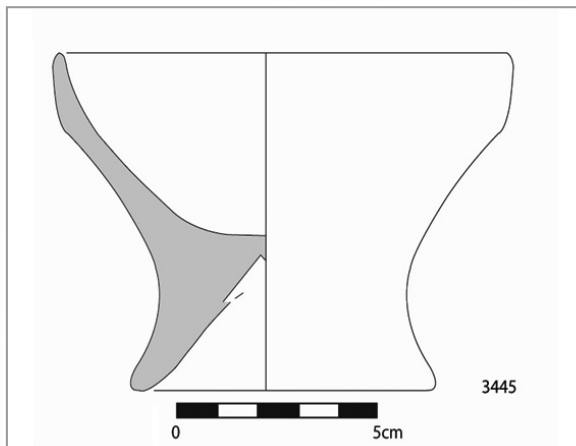


FIG. 10. O vaso cerâmico da figura anterior.

2.4. Hipogeu [2550] – [2551]

Este sepulcro tem uma orientação Sudoeste-Nordeste. Quer a câmara, quer o átrio foram intensamente afectados pela acção destrutiva da máquina que efectuou a decapagem do sítio, bem como por fenómenos pós-deposicionais. Esta é a razão pela qual foram detectados ossos soltos pertencentes a mamíferos (u.e. 2016), dispersos planimétrica e altimetricamente pelo enchimento, tendo o mesmo sucedido, quer ao esqueleto [2069], quer à redução lá existente, já que alguns dos seus ossos se encontravam deslocados da sua posição anatómica primária (Fig. 11). Junto ao limite Nordeste da câmara foi depositado aquele indivíduo adulto [2069], do sexo feminino, em decúbito lateral direito; na zona do pescoço foram recolhidas oito contas, que se articulavam entre si, formando um colar. As contas foram manufacturadas em quatro materiais diferentes que, numa análise macroscópica preliminar, se distribuem, aos pares, por material ósseo, conquífero (*Dentalium*?) e metálico (um par, numa liga de cobre, e outro, numa liga de prata). Apesar das perturbações pós-deposicionais, é possível associar a este enterramento, para além do colar, uma jarrinha com nervuras verticais e um punção em liga de cobre de secção quadrangular.

Será importante referir que um fragmento proximal do rádio esquerdo de um bovino, integrante dos restos animais [2016] recuperados neste hipogeu, e que foi submetido a datação pelo radiocarbono, não pode ser interpretado com segurança como vestígio de uma oferenda cárnea, dado o grau de perturbação registado nesta estrutura funerária.



FIG. 11. Hipogeu [2550] - [2551].

3. As dádivas funerárias

3.1. Artefactos

Na cerâmica, a forma em calote esférica, com perfil oval, fundo convexo mais ou menos vincado e bordo simples e arredondado (Fig. 8b), por vezes ligeiramente reentrante, que parece continuar uma tradição neolítica, é a mais representada nos contextos funerários em hipogeu de TV3, ocorrendo em cinco casos.

Os vasos de corpo ovóide ou esférico, fundo convexo e bordo vertical (Fig. 8a) encontram-se

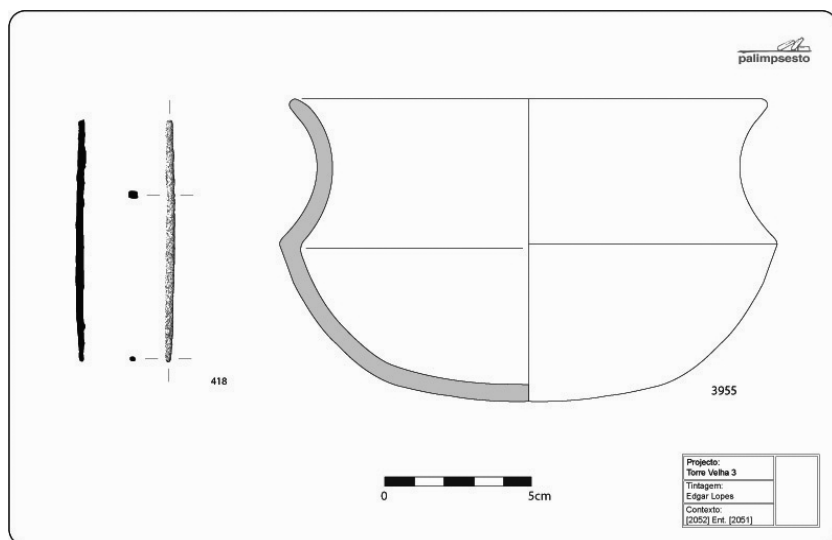


FIG. 12. *Espólio funerário associado à inumação [2051].*

representados por três exemplares no conjunto das dádivas funerárias provenientes dos hipogeus de TV3.

Além desta cerâmica, foram também recuperadas duas taças carenadas, com carena baixa, de corpo superior côncavo e inferior arqueado (Fig. 12), uma taça

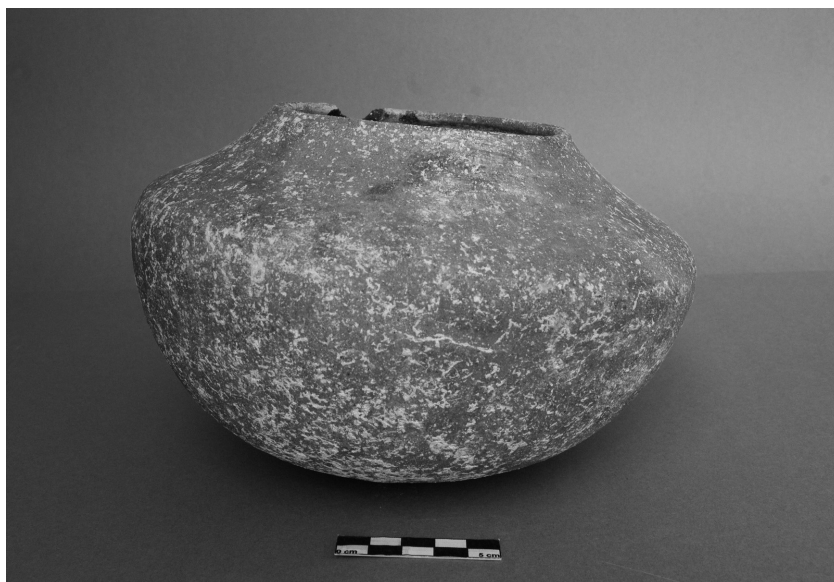


FIG. 13. *Vaso de cerâmica associado à inumação [1799].*

tipo Atalaia, uma outra tipo Odivelas e um vaso de carena alta, suave, e de boca estreita (Fig. 13).

Por fim, neste conjunto de cerâmica não decorada, destacam-se dois exemplares de taças com pé (Fig. 10), similares a alguns exemplares da forma 7 da cerâmica argárica (Schubart, 2004).

No que se refere à cerâmica decorada, registaram-se duas jarrinhas com uma decoração caracterizada por uma repetição de nervuras verticais em forma de gomo, cobrindo toda a superfície do bojo e atravessando perpendicularmente o corpo destes vasos esferoidais, com colo estrangulado e gargalo

curto, e bordo fortemente exvertido. Além destas jarrinhas foi recuperada também uma garrafa com decoração incisa.

Os artefactos metálicos identificados em associação com os enterramentos dos hipogeus são todos, com excepção de algumas contas de colar já atrás referidas, manufacturados em cobre ou ligas de cobre. Por regra, o artefacto metálico ofertado consiste num punção e surge sempre acompanhado de outros artefactos de metal e/ou de cerâmica ou de oferendas cárneas. Esta associação foi observada em mais de uma dezena de situações. Num caso, aparece associado a um punção um punhal de rebites, três recipientes cerâmicos e uma oferenda cárnea; noutra enterramento, para além do punção, surgiu um punhal, um anel e um pote de corpo esférico e colo alto. Noutra inumação surgiram como

dádivas funerárias um fragmento de possível punção, uma oferenda cárnea e uma taça de carena baixa. Ainda numa outra associação, foram identificados um fragmento de possível punção, um punhal, com restos de tecido conservado nos produtos de corrosão, e uma taça tipo Odivelas. Outros casos de associação a punções podem ser observados na Tabela 1.

Recuperou-se também como dádiva funerária um anel, que se apresenta sob a forma de uma espiral de secção circular, com duas voltas sobrepostas. Encontra-se quebrado em uma das extremidades e afilado na outra.

Para além do caso já referido de um colar de contas associado ao enterramento [2069], há que referir um outro constituído por 31 búzios perfurados transversalmente, que foi localizado na zona do pescoço do pré-adulto [604].

Por fim, há que referir que no hipogeu [2471]-[2472] foi recuperada uma falange de animal ainda não identificado, possivelmente decorada, associada a uma taça cerâmica com pé similar à forma 7 da cerâmica argárica, as quais constituíam as dádivas funerárias registadas neste hipogeu.



FIG. 14. *Oferenda cárnea junto ao crânio da inumação [1514].*

Na Tabela 1 encontram-se referidas as diversas associações de artefactos encontradas nos hipogeus de TV3.

3.2. *Oferendas cárneas*

Tal como sucede nos rituais de enterramento das sociedades argáricas, também em TV3 foram identificados, em 10 dos 25 hipogeus (ver Fig. 3), vestígios do sacrifício e consumo de espécies animais, na forma de oferendas de porções de um animal, as designadas oferendas cárneas (Fig. 14).

Antecâmara + Câmara (U.E.)	Orientação do Hipogeu	Esqueleto (U.E.)	Orientação do Esqueleto	Redução/Ossário	Ossos soltos	Dádivas funerárias
697 + 710	SO-NE	604	S-N	629	Não	1 colar de búzios
1086 + 1622	E-O	1514	NE-SO	Não	Não	1 oferenda carne
1157 + 1156	SE-NO	1134	NE-SO	Não	Não	1 taça de carena baixa
1267 + 1792	SE-NO	1714	NE-SO	Não	Não	1 vaso de corpo oval e bordo vertical + 1 punhal + 1 punção + 1 oferenda carne
1284 + 1415	SO-NE	1340	S-N	Não	Não	1 taça em calote esférica + 1 punção
1298 + 1695	NE-SO	1570	NO-SE	Não	Não	1 vaso de corpo esférico e bordo vertical + 2 taças em calote esférica + 1 punção + 1 punhal + 1 oferenda carne
1307 + 1370	NO-SE	1363	Indeterminado	Não	Não	1 taça em calote esférica + 1 punção
1319 + 1320	N-S	Não observado	Indeterminado	1169	Não	1 garrafa de cerâmica decorada
1395 + 1394	N-S	Não observado		Não	Não	Não
1489 + 1490	N-SO	1382	E-O	Não	Não	1 oferenda carne*
1662 + 1664	E-O	1534; 1361	NE-SO	1532	Não	1 vaso aparentado com a forma 7 argárica (Schubart, 2004) + 1 oferenda carne de ovino*
1712 + 1713	E-O	1565	E-O	Não	Não	1 jarrinha de cerâmica decorada
1769 + 1770	S-N	1575	NE-SO	Não	Não	1 taça tipo Atalaia + 1 punção
1947 + 1948	NO-SE	1781	SE-NO	1782	Não	1 punção + 1 oferenda carne
1949 + 1950	O-E	1799	N-S	Não	Não	1 vaso fechado com carena alta + 1 punção + 1 oferenda carne*
2119 + 2120	O-E	2007	N-S	Não	Não	1 punção + 1 oferenda carne*
2215 + 2231	SE-NO	2004	NE-SO	Não	Não	1 vaso de corpo oval e bordo vertical + 1 punhal + 1 anel
2236 + 2237	O-E	2203	N-S	Não	Não	1 taça em calote esférica + 1 punção
2356 + 2357	NE-SO	2051	O-E	Não	Não	1 taça de carena baixa + 1 punção + 1 oferenda carne
2417 + 2418	SO-NE	2241	NE-SO	Não	Não	1 taça tipo Odivelas + 1 punhal + 1 fragmento de possível punção
2471 + 2472	SO-NE	2367, 2368	NO-SE	2365, 2458	2450	1 vaso aparentado com a forma 7 argárica (Schubart, 2004) + 1 falange decorada
2498 + 2497	S-N	2032	O-E	2033	Não	1 oferenda carne*
2550 + 2551	SO-NE	2069	NE-SO	2068	2000	1 jarrinha de cerâmica decorada + 1 colar + 1 punção
968 + Destruída	ind.	Não observado	Indeterminado	Não	Não	Não
573 + 574	S-N	Não observado	Indeterminado	Não	Não	Não
Totais	Totais		Totais	Totais	Totais	
25	23		8	2	48	

TABELA 1. *Dádivas funerárias.*

* Datada pelo radiocarbono.

Os restos faunísticos derivados de oferendas cárneas pertencem a espécies animais domésticas. Salvo uma exceção, referente a um ovino (u.e. 1601), trata-se sempre de bovinos. Associado a cada enterramento foi incluído um único indivíduo, representado invariavelmente pela mesma porção anatómica – a parte distal da perna dianteira. O rádio é o osso presente em todas as oferendas, seguido pela ulna (cúbito). Em 5 sepulturas foi recuperado

ainda um número variável de ossos carpais, situação que indicia a sua deposição em conexão anatómica com a articulação distal do rádio. Como é prática habitual na análise arqueofaunística foi registada também a lateralidade dos restos estudados. Os resultados mostram uma tendência clara para a ocorrência de membros do lado esquerdo, inclusive na oferenda de ovino (Tabela 2).

Esqueleto (U.E.)	Sexo	Edad (anos)	Oferenda cárnea (U.E.)	BOS	OVA	RA	UL	CAR	LADO
1514	♂	+40	1513	X		PE+D	D	4	e
1714	–	+30	1715	X		PE+D	D	–	e
1570	–	+40	1571	X		D	D	1	e
1382	♂	+30	1511	X		PE+D (DU)	D	–	e
1534	–	10-14	1601		X	C (PFDF)	–	–	e
1781	♂	+30	1783	X		PE+D (DU)	D	–	e
1799	♀	30-40	1801	X		C (PFDU)	D+DE (DU)	4	e
2007	–	adulto	2008	X		PE+D	D	–	d
2051	–	+30	2053	X		PE+D	D	4	e
2032	♂	+40	2489	X		C (PFDF)	D	4	d

TABELA 2. Oferendas cárneas em 10 dos 25 hipogeus do sítio de Torre Velha 3.

BOS: bovino (Bos taurus); OVA: ovino (Ovis aries); RA: rádio; UL: ulna; CAR: carpal; PE+D: fragmento proximal + diáfisis; D: diáfisis; D+DE: diáfisis + fragmento distal; C: completo; PFDU: articulação proximal epifisada e articulação distal não epifisada; DU: articulação distal não epifisada; PFDF: duas articulações epifisadas; e: lado esquerdo; d: lado direito.

O material faunístico encontra-se mal preservado, condição que contribuiu para a perda parcial do tecido ósseo nas zonas de articulação proximal e distal de rádios e ulnas, impedindo recolher dados osteométricos na maior parte da amostra, assim como registar marcas derivadas do processamento das carcaças ou determinar a idade de sacrifício. Nas oferendas melhor conservadas observa-se que a articulação distal do rádio não está ainda consolidada,

situação que indicia estarmos perante animais sub-adultos, de idade inferior aos 3 ½ anos (u.e. 1511, 1783, 1801). Apenas a oferenda u.e. 2489, associada ao esqueleto u.e. 2032, deriva de um bovino adulto, mais velho de 4 anos (Silver, 1969). Este foi também o único exemplar completo que permitiu estimar a altura na cruz do animal sacrificado no ritual funerário (=1,05 m), aplicando o factor de Matolcsi (Driesch e Boessneck, 1974).

4. Cronologia absoluta

Foram datadas pelo radiocarbono quatro amostras de ossos de *Bos taurus* e uma de ossos de *Ovis*, as quais constituíam restos das oferendas cárneas existentes em cinco dos hipogeus intervencionados. Além destas amostras foi datada uma outra constituída por um rádio e uma ulna de *Bos taurus* proveniente da u.e. 2016 do hipogeu [2550] – [2551], a qual não pode ser interpretada como uma oferenda dado, como foi atrás referido, os remeximentos ocorridos neste hipogeu. No entanto,

a probabilidade de o ser não deve ser de todo descartada.

Os resultados obtidos, bem como a data anteriormente determinada para o hipogeu de Belmeque a partir de uma amostra de ossos humanos, encontram-se na Tabela 3. As datas convencionais de radiocarbono foram convertidas em anos de calendário solar fazendo uso da curva IntCal04 (Reimer *et al.*, 2004) e do programa OxCal (Bronk Ramsey, 2001), versão 4.1.1 (<http://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). As datas calibradas encontram-se também na Tabela 3 e representadas graficamente na Fig. 15.

Ref. Lab.	Ref. amostra	Tipo de amostra	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Data ^{14}C (BP)	Data calibrada (cal BC)	
					1 σ	2 σ
Belmeque						
ICEN-142	Belm 1	Ossos humanos	-18,6	3230 ± 60	1610-1430	1670-1390
Torre Velha 3						
Sac-2466	TV3 [2016] – fauna mamalógica encontrada na câmara [2550]	<i>Bos</i> (rádio)	-21,8	3250 ± 60	1610-1450	1670-1410
Beta-262199	TV3 [1601] – oferenda cárnea do indivíduo [1534]	<i>Ovis</i> (rádio)	-20,5	3300 ± 40	1630-1520	1690-1490
Sac-2465	TV3 [2008] – oferenda cárnea do indivíduo [2007]	<i>Bos</i> (rádio+ulna)	-22,0	3300 ± 50	1640-1510	1730-1450
Sac-2489	TV3 [1511] – oferenda cárnea do indivíduo [1382]	<i>Bos</i> (rádio)	-22,3	3300 ± 45	1630-1510	1690-1450
Sac-2480	TV3 [2489] – oferenda cárnea do indivíduo [2032]	<i>Bos</i> (rádio)	-19,8	3340 ± 50	1690-1530	1750-1510
Sac-2490	TV3 [1801] – oferenda cárnea do indivíduo [1799]	<i>Bos</i> (rádio+ulna)	-21,5	3410 ± 60	1870-1620	1890-1530
<i>Soma</i>					1670-1490	1860-1410

TABELA 3. Datas de radiocarbono para hipogeus do Bronze do Sudoeste identificados em território português.

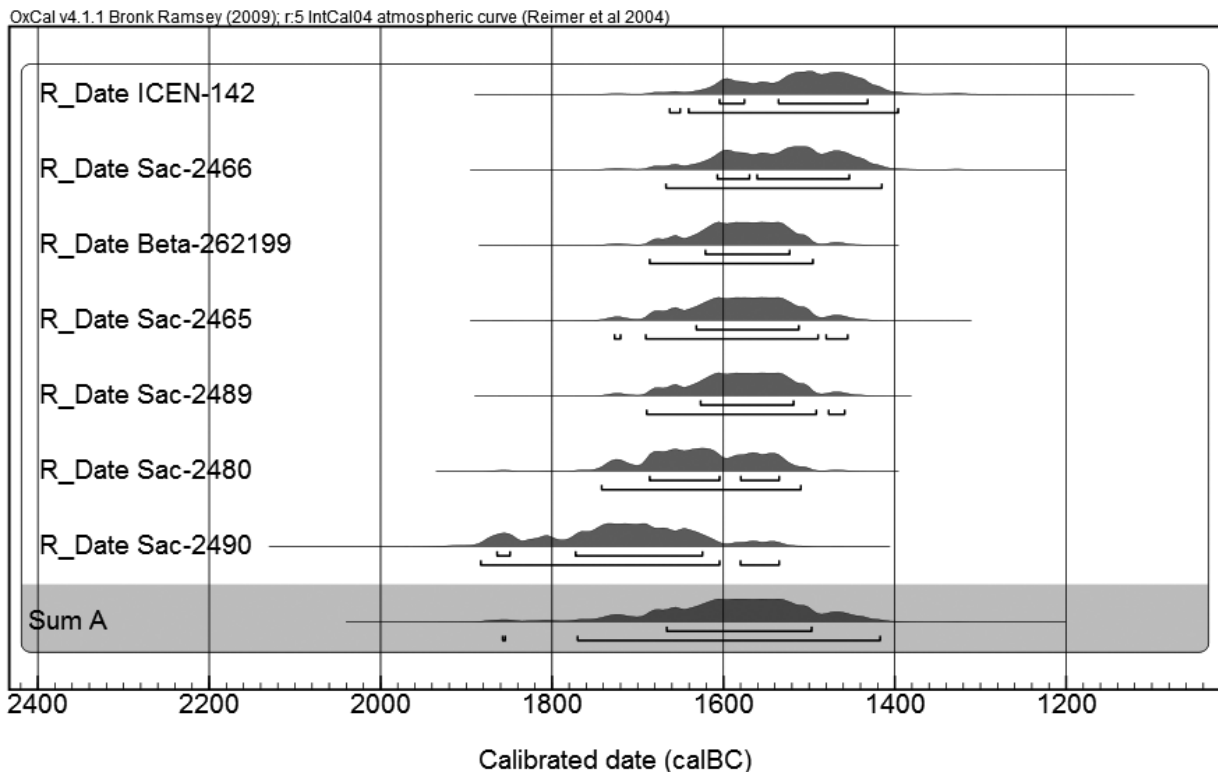


FIG. 15. Representação gráfica das datas de radiocarbono calibradas para os hipogeus funerários do concelho de Serpa.

5. Discussão

O Bronze do Sudoeste forma-se na tradição calcolítica, sobressaindo no Bronze Antigo (Horizonte de Ferradeira – Schubart, 1971), ainda no III milénio a.C., reutilizações funerárias individuais de monumentos colectivos anteriores (Soares, 2008; Soares *et al.*, 2009). Seguem-se-lhes enterramentos em cistas, isoladas ou agregadas em necrópoles, que ressaltam o carácter individual das inumações em contraste com os enterramentos colectivos do Calcolítico. Apesar dos novos dados que as recentes intervenções arqueológicas em sítios com cronologias do Bronze Pleno têm permitido registar, as estratégias de povoamento continuam parcamente conhecidas. Neste particular, o mundo funerário afigura-se como a realidade que melhor define estas populações, ajudando a atenuar a lacuna informativa entre o Calcolítico e o Bronze Final.

No concelho de Serpa, são vários os casos de necrópoles de cistas e sepulturas isoladas referentes

a este período cronológico, dos quais se mencionam, a título de exemplo, a cista da Herdade do Montinho, situada em Vale Vargo, a necrópole de cistas do Talho do Chaparrinho, em Vila Verde de Ficalho (Soares, 1994) ou as duas cistas dos Bugalhos, em Serpa (Soares, 2000). Contudo, num mundo conhecido maioritariamente por cistas, o monumento de Belmeque, “uma pequena sepultura de cúpula imitada na rocha (‘Felskuppelbrad’) de 2 x 1,95 m de diâmetro e cerca 1 m de altura, que se atingia através de uma curta galeria diagonal, em cuja entrada, voltada para Noroeste, se deve ter encontrado verticalmente um grande bloco de pedra (comp. 1,55 m; larg. 0,52 m; esp. 0,15 m)” (Schubart, 1974: 10) veio, já nos anos 70 do século passado, revelar um tipo de sepulcro e um ritual funerário, ambos considerados na altura regionalmente exógenos, cujos paralelos mais próximos os conectavam com o mundo argárico da região de Almería (Schubart, 1971; Soares, 1994).

Deste modo, a grande novidade é a de que a sepultura de Belmeque não é única, antes se insere num grande conjunto de sepulcros deste tipo presentes no Sudoeste, pelo menos na margem esquerda portuguesa do Guadiana. Como já ficou atrás explícito, os hipogeus de TV3 seguem todos um mesmo preceito arquitectónico, independentemente de apresentarem diversas e importantes variantes. O mesmo se dirá das dádivas funerárias que neles foram recuperadas. Será esta variabilidade que se deverá ter em atenção, se se nestes contextos funerários pretendermos procurar sinais de distinção social, de género ou de idade dos indivíduos inumados. De qualquer modo, e numa aproximação imediata, os 25 hipogeus de TV3 confirmam o que Belmeque já indiciava, isto é, o paralelismo entre este modo de sepultar e o que ocorre no Bronze do Sudeste, designadamente no Bronze Argárico.

No Bronze do Sudeste ibérico, com uma cronologia que vai desde cerca de 2250 a 1450 a.C. (Lull, 2000; Aranda Jiménez *et al.*, 2009), as sepulturas argáricas localizam-se habitualmente nos povoados, por debaixo dos pavimentos das casas, tendo sido registados quatro tipos de sepulturas: urnas em cerâmica (*pitthoi*), cistas, fossas e *covachas* (pequenas grutas artificiais escavadas na rocha, isto é, hipogeus, com ou sem átrio). O registo arqueológico evidencia que o ritual funerário se encontra associado a rituais de comensalidade, os quais se manifestam pela presença nas sepulturas dos extremos distais de bovinos ou ovinos e de um “conjunto normalizado de vasilhas cerâmicas associadas à apresentação e consumo de alimentos e bebidas, e onde se destacam as suas propriedades visuais relacionadas com práticas sociais de exibição e teatralização” (Aranda Jiménez e Esquivel Guerrero, 2006). Por outro lado, a maior ou menor riqueza das dádivas funerárias tem sido interpretada como traduzindo o estatuto social do indivíduo inumado (Aranda e Molina, 2006; Contreras Cortés *et al.*, 1995; Castro Martínez *et al.*, 1993-1994), podendo também o tipo de dádiva estar associado ao género e à idade do mesmo (Sánchez Romero *et al.*, 2007). No entanto, no geral, parece não existir qualquer associação entre o tipo de sepultura e o tipo de dádivas funerárias que contêm, isto é, o tipo de sepultura não estará relacionado com o

estatuto social, o género ou a idade dos inumados. Contudo, em alguns casos, como em Fuente Álamo e também em El Argar, haverá uma predominância de inumações de indivíduos infantis em *pitthoi*, enquanto que nas *covachas* e nas grandes cistas, muitas vezes providas de átrio, seriam inumados os indivíduos de estatuto social mais elevado (Schubart e Arteaga, 1986; Cámara Serrano, 2001). Também se deverá notar que são comuns as inumações duplas e, por vezes, triplas, o que leva a considerar que nas práticas funerárias do Bronze Argárico não se deverão considerar os enterramentos como individuais mas sim, e mais propriamente, como familiares (Cámara Serrano, 2001).

Quando se publicou o hipogeu de Belmeque foi sublinhado o seu paralelismo com a sepultura 95 de Fuente Álamo (Soares, 1994; Schubart *et al.*, 1989). Poderemos, de igual modo, paralelizar os 25 hipogeus de TV3 com as *covachas* do Bronze Argárico. No entanto, ao contrário do que acontece no Sudeste, a evidência arqueológica não permite, no Sudoeste, associar directamente estas estruturas funerárias a áreas de habitat e, muito menos, afirmar que as mesmas se encontrariam por debaixo dos pavimentos das casas. Contudo, em TV3 não se poderá afastar liminarmente a sua estreita associação com um povoado – este poderia ter sido construído por materiais perecíveis, cujos vestígios à superfície terão sido destruídos pela agricultura e pelas ocupações humanas que aí se processaram, mais ou menos intensamente, desde a época tardo-antiga (Alves *et al.*, no prelo). O que não restam dúvidas é que as áreas de habitat no Bronze no prelo Pleno do Sudoeste não têm o carácter monumental e visível na paisagem que caracterizam as do Sudeste – os seus vestígios, com excepção dos da região de Sines, na área litoral ocidental (Silva e Soares, 1981, 2009), são até hoje praticamente inexistentes no registo arqueológico.

O sacrifício de espécies animais associado a rituais funerários e a introdução de uma peça cárnea no sepulcro são características tipificadoras dos enterramentos do mundo argárico, embora também registado noutros âmbitos culturais e cronológicos. No Bronze do Sudeste peninsular, as espécies mais representadas são os bovinos e os ovicaprinos, sacrificados ainda jovens, e as partes anatómicas escolhidas são normalmente as extremidades distais das

patas traseiras, embora se encontrem registados alguns casos de oferendas das extremidades distais das patas dianteiras ou, mesmo, de uma pata inteira (Aranda Jiménez e Esquível Guerrero, 2007; Sánchez Romero *et al.*, 2007).

A análise realizada às oferendas cárneas de TV3 permite verificar a existência de um padrão ritual normalizado no Bronze do Sudoeste Peninsular, de características semelhantes àquelas registadas no mundo argárico, designadamente no que se refere ao sacrifício das mesmas espécies animais, de idade sub-adulta, mas com rasgos particulares, que individualizam os contextos agora conhecidos. Numa perspectiva mais alargada, é de salientar que, na sepultura da Herdade de Belmeque (Soares, 1994: 182), se documentou também como parte “das dádivas funerárias... dois rádios e dois cúbitos esquerdos de boi doméstico”. Também na maior parte das oferendas cárneas de TV3, e ao contrário do que sucede no Sudeste, predominam rádios e ulnas (cúbitos) esquerdos de bovinos, com três exceções: dois casos em que os rádios e ulnas são direitos e um caso em que o rádio é de ovino. Uma das duas oferendas do lado direito foi recuperada no hipogeu [2498] – [2497], associada com o único indivíduo enterrado em decúbito dorsal [u.e. 2032]. Como interpretar esta circunstância? Acaso ou com significado ritual?

Uma vez analisadas as características das oferendas cárneas, e estabelecida a sua normalização ritual, reveste-se do maior interesse reconhecer possíveis padrões sociais em função das espécies oferendadas, da idade e do sexo dos esqueletos inumados, assim como do tipo de espólio depositado. É evidente que os bovinos aparecem nas sepulturas de indivíduos adultos, enquanto o único resto de ovino se associa ao enterramento de uma criança (u.e. 1534). Por outro lado, embora a amostra de indivíduos de sexo determinado seja reduzida em TV3, não parece existir uma relação entre os espólios faunísticos e o género do indivíduo inumado. O único esqueleto feminino identificado (u.e. 1799) segue o mesmo padrão ritual que as inumações de indivíduos masculinos. Ambos os fenómenos (oferenda cárnea de ovino para os indivíduos jovens e não diferenciação sexual no tipo de oferenda de carne) mostram claros paralelismos com os resultados apresentados por Aranda Jiménez e Esquível Guerrero (2007), no estudo realizado sobre as oferendas cárneas no ritual funerário argárico

de 57 enterramentos em 9 necrópoles do Sudeste peninsular. Além disso, através da análise estatística, estes autores estabeleceram a existência de um padrão entre as oferendas de bovinos e os sectores sociais mais elevados das comunidades argáricas, concluindo que o consumo ritual de bovinos é um “elemento característico y definitorio de este grupo social” (*ibidem*, 2007: 113). Dado que no presente trabalho se apresentam dados preliminares não estamos ainda em condições de avaliar se tal conclusão é também válida para o Sudoeste. No entanto, deverá notar-se (ver Tabela 1) que em TV3 existem casos em que a oferenda cárnea de bovino corresponde à única dádiva funerária e, por outro lado, existem dádivas funerárias de artefactos metálicos e de cerâmica que não são acompanhadas de oferendas cárneas.

Igualmente, de modo diferente do que sucede no Sudeste, talvez com a excepção da sepultura de Belmeque, as dádivas funerárias nestes hipogeus do Sudoeste, para além do referente às oferendas cárneas, não são quantitativa e qualitativamente comparáveis com as registadas no Bronze Argárico. Se se analisar a Tabela 1, verifica-se que mesmo a inumação do hipogeu [1298] – [1695] que tinha associado o espólio mais numeroso e diversificado, do ponto de vista da variedade material e formal, registado em TV3, o que levará a conectar este indivíduo, [1570], com a classe dominante da sociedade ali sepultada, o espólio é relativamente diminuto em comparação com situações análogas no Sudeste. Por outro lado, a maior parte da cerâmica recuperada nos hipogeus de TV3 tem claros paralelos com a já conhecida no Sudoeste (Schubart, 1971), designadamente no concelho de Serpa, fazendo parte das dádivas funerárias recolhidas em cistas. São os casos, por exemplo, das taças em calote com paralelos na sepultura da Herdade do Montinho (Soares, 1994), das taças de carena baixa e fundo convexo também recolhidas nas cistas dos Bugalhos (Soares, 2000) ou das taças tipo Atalaia com paralelos na cista do Barranco do Salto (Soares, 1994). Por seu lado, os vasos ou jarrinhas de nervuras verticais e as garrafas têm paralelos estreitos nas dádivas dos sepulcros das necrópoles de Alcaria (Ourique), Medarra (Aljustrel) ou Peral (Évora) (Schubart, 1974) ou mesmo na sepultura VI3 de Atalaia (Schubart, 1965: fig. 18h). No entanto, em TV3 foram recolhidas duas taças em cerâmica cuja tipologia não encontra paralelos no

Sudoeste, mas sim no Sudeste, na forma 7 argárica de Schubart (2004).

Apesar de tudo o atrás referido, Belmeque continua a ser um caso singular no que se refere à riqueza das suas dádivas funerárias. Os artefactos em prata, os rebites também em prata dos punhais e em ouro da faca, a utilização do bronze para a manufactura da faca e de um dos punhais, a beleza e singularidade do vaso cerâmico, indiciam o mais elevado estatuto social para os indivíduos aí inumados. A data de radiocarbono obtida através da datação de ossos de um dos esqueletos integra-se plenamente na série de datas agora determinada para os hipogeus de TV3 (ver Tabela 3 e Fig. 13). Estas datas indiciam um período de 200 a 400 anos em que os hipogeus do Sudoeste estiveram em uso, período esse que corresponderá ao segundo quartel do II Milénio a.C. e que se prolongará pelos inícios do terceiro quartel. Será de comparar esta série de datas com outras datas de radiocarbono obtidas para contextos funerários coevos ou que precedem ou se sucedem a estes que temos vindo a tratar. Assim, para a necrópole dos Bugalhos, também no concelho de Serpa e, por conseguinte, a relativamente curta distância de TV3, foi determinada a data Beta-120049 3450 ± 40 BP (Soares, 2000), estatisticamente não diferenciável de Sac-2490 (TV3 [1801]). Esta necrópole, constituída por duas sepulturas em cista, revelou dádivas funerárias em quantidade não habitual para este tipo de sepulturas, designadamente uma delas continha três vasos de cerâmica e a outra também três vasos de cerâmica a que se juntavam dois punhais de cobre, o que a torna paralelisável com os contextos que temos vindo a tratar. A proximidade territorial e cronológica entre estas duas necrópoles, Bugalhos e TV3, poderá indicar uma de duas coisas: *i*) as necrópoles são coevas, mas correspondem a duas tradições funerárias (rituais) diferentes, que mais não traduzem que duas populações/culturas diferentes, embora vizinhas, ou *ii*) Bugalhos precede TV3, tendo as populações relacionadas com esta última substituído as que construíram a primeira no início do segundo quartel do II Milénio a.C. Outras datas, ICEN-867

3270 ± 45 BP (Monumento II da necrópole do Pessegueiro), Beta-127904 3260 ± 60 BP e OxA-5531 3255 ± 55 BP (Sepulturas 35 e 14 da necrópole das Casas Velhas) obtidas para contextos funerários da área de Sines (Silva e Soares, 2009), são estatisticamente não diferenciáveis entre si e idênticas às obtidas para Belmeque e para TV3 [2016], isto é, indiciam que o ritual plasmado nos contextos funerários de TV3 não chegou ao litoral ocidental do Sudoeste.

Por outro lado, seria estranho que entre o Sudeste ibérico e a margem esquerda do Guadiana, onde agora se estão a revelar estas necrópoles de hipogeus, com os seus rituais funerários característicos e específicos do Sudoeste, mas com paralelos estreitos no Sudeste, não se encontrassem necrópoles deste tipo e com esta cronologia. E, na realidade, elas já existem no registo arqueológico – é o caso da necrópole publicada por Hurtado e Amores (1984), constituída por quatro hipogeus, inserida no *tumulus* do *tholos* de Las Canteras (Alcala de Guadaira, Sevilha) e reaproveitando elementos estruturais deste monumento. Também aqui as dádivas funerárias, designadamente as cerâmicas se integram nas tipologias usuais no Bronze do Sudoeste, mas não foram registadas quaisquer oferendas cárneas. Por outro lado, a presença, numa delas, de um braçal de arqueiro em xisto com cerca de 12 cm de comprimento, indicia uma maior antiguidade para esta necrópole em relação à de TV3.

Referiu-se atrás que além dos hipogeus foram também registados em TV3 fossas “silo” com inumações, as quais, com a excepção de um enterramento duplo com dádivas funerárias, se encontravam desprovidas quer de oferendas de artefactos, quer de oferendas cárneas (a falange de um bovino encontrada junto a uma das inumações poderá não traduzir qualquer oferenda cárnea). Paralelos para estas inumações em posição fetal, desprovidas de oferendas, encontram-se em Casarão da Mesquita 3, Horta do Albardão 3 e Monte da Cabida 3, próximo de Évora, mas aí datadas dos finais do Bronze Pleno ou do Bronze Final do Sudoeste (Santos *et al.*, 2008; Soares *et al.*, 2009):

Horta do Albardão 3	Sac- 2252	3080 ± 60 BP	1490-1130 cal BC (2σ)
Casarão da Mesquita 3 (iné dita)	Beta-262195	3080 ± 40 BP	1430-1260 cal BC (2σ)
Casarão da Mesquita 3	Sac- 2248	2990 ± 60 BP	1400-1050 cal BC (2σ)
Monte da Cabida 3	Sac- 2436	2880 ± 50 BP	1250-920 cal BC (2σ)

Enquanto estas inumações de TV3 não forem datadas pelo radiocarbono não se pode afirmar a sua sincronia com as inumações em hipogeu e inferir acerca do estatuto social dos inumados.

6. Considerações finais

Os 25 hipogeus de TV3, com estreitos paralelos nas *covachas* presentes nos povoados do Bronze do Sudeste, a presença de dez oferendas cárneas de características similares às que surgem em contextos funerários do mundo argárico e de recipientes cerâmicos inseríveis com segurança nas tipologias argáricas, bem como a existência de contextos funerários similares no vale do Guadalquivir, remetem-nos para uma forte influência daquele mundo, sem, no entanto, ferir a individualidade do Bronze do Sudoeste peninsular, isto é, verificam-se algumas singularidades que conferem uma identidade própria aos contextos ocidentais. É o caso da preferência por ofertar de forma exclusiva, conforme o registado em TV3 e Belmeque, da extremidade distal das patas dianteiras (rádios e ulnas), principalmente do lado esquerdo, enquanto que para o mundo argárico, Aranda Jiménez e Esquivel Guerrero (2007: 104) referem a escassa incidência quantitativa daqueles elementos de bovinos, apenas ofertados nas sepulturas 90 e 95 de Fuente Álamo (Liesau e Schubart, 2004) e na 21 de Cerro de la Encina (Aranda e Molina, 2006), e a sua total ausência quando se trata de ovicaprinos. Neste ponto, refira-se que as semelhanças com a sepultura 95 de Fuente Álamo parecem ir mais além da tipologia arquitectónica, situação que valerá a pena investigar mais aprofundadamente no futuro.

De acordo com alguns investigadores, e por oposição aos enterramentos que observavam banquetes funerários e recipientes cerâmicos específicos desse ritual, os enterramentos sem espólio funerário artefactual associado não tinham acesso a um ritual

de comensalidade, ou, pelo menos, essa situação não é verificável no registo arqueológico. Considera-se portanto que estes ritos de comensalidade testemunham a afirmação de um sentido de sociedade (Aranda Jiménez e Esquivel Guerrero, 2006). Este transparece do sacrifício de um animal de grande porte que seria, obviamente, confeccionado e consumido pelos vivos que participavam na cerimónia fúnebre que, junto ao acto de ofertar simbolicamente parte do animal, estabeleciam uma comunhão entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos.

As diferentes presenças e combinações do espólio ofertado poderão ter conotações de cariz socioeconómico, relacionadas não só com a posição social do inumado como também com a daqueles que o tratam depois da morte. Para além do *status* social, o que sobressai do mundo funerário argárico são as crenças e os modos de organização de uma sociedade. No caso específico de TV3, estas questões necessitam ainda de um estudo mais pormenorizado da diversidade de combinações do espólio, da diversidade de artefactos, pelo cruzamento destes dados com o estudo bio-antropológico dos indivíduos inumados, etc.

Importa assinalar que uma das principais diferenças entre o mundo argárico e este sítio arqueológico reside na falta de evidências claras relacionadas com o habitat. A procura deste é, neste momento, imperativa no sentido de conhecer os aspectos próprios dos modos de vida e de caracterizar estas comunidades.

As práticas funerárias da 1ª metade do II milénio a.C. da margem esquerda do Guadiana sugerem, assim, e cada vez mais, uma multiplicidade de opções e variações. Esta heterogeneidade combina, num mesmo espaço, estruturas funerárias diferentes, com rituais e espólio qualitativa e quantitativamente diversificados e exige uma revisão do tradicionalmente conhecido como Bronze Pleno do Sudoeste peninsular.

Bibliografía

- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2010): “Torre Velha 3 (Serpa): Dados Preliminares”, *Al-Madani*, 2.^a série, 17 [no prelo].
- ANTUNES, A. S.; DEUS, M.; SOARES, A. M. M.; SANTOS, F.; ARÊZ, L.; DEWULF, J.; BAPTISTA, L. e OLIVEIRA, L. (no prelo): “Povoados abertos do Bronze Final no Médio e Baixo Guadiana”. Em *Sidereum Ana II. El Rio Guadiana en el Bronce Final. Mérida-Badajoz, 28-30 de Maio de 2008*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. e ESQUÍVEL GUERRERO, J. A. (2006): “Ritual funerario y comensalidad en las sociedades de la Edad del Bronce del Sureste peninsular: la Cultura de El Argar”, *Trabajos de Prehistoria*, 63:2, pp. 117-133. Madrid.
- (2007): “Poder y prestigio en las sociedades de la cultura de El Argar. El consumo comunal de bóvidos y ovicápridos en los rituales de enterramiento”, *Trabajos de Prehistoria*, 64:2, pp. 95-118. Madrid.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. e MOLINA GONZÁLEZ, F. (2005): “Intervenciones arqueológicas en el yacimiento de la Edad del Bronce del Cerro de la Encina (Monachil, Granada)”, *Trabajos de Prehistoria*, 62:1, pp. 165-179. Madrid.
- (2006): “Wealth and power in the Bronze Age of the South-East of the Iberian Peninsula: the funerary record of Cerro de la Encina”, *Oxford Journal of Archaeology*, 25:1, pp. 47-59. Oxford.
- ARANDA JIMÉNEZ, G.; MONTÓN SUBÍAS, S. e JIMÉNEZ BROBEIL, S. (2009): “Conflicting evidence? Weapons and skeletons in the Bronze Age of south-east Iberia”, *Antiquity*, 83, pp. 1038-1051. London.
- BRONK RAMSEY, C. (2001): “Development of the Radiocarbon calibration program OxCal”, *Radiocarbon*, 43:2A, pp. 355-363. Tucson.
- CÁMARA SERRANO, J. A. (2001): *El ritual funerario en la Prehistoria Reciente en el Sur de la Península Ibérica*. BAR International Series, 913. Oxford: Archaeopress.
- CASTRO MARTÍNEZ, P. V.; CHAPMAN, R. W.; GILI, S.; LULL, V.; MICO, R.; RIHUETE, C. e SANAHUJA, M. E. (1993-1994): “Tiempos sociales de los contextos funerarios argáricos”, *Anales de Prehistoria y Arqueología de Murcia*, 9-10, pp. 77-105. Murcia: Universidad de Murcia.
- CONTRERAS CORTÉS, F.; CÁMARA SERRANO, J. A.; LIZCANO PRESTEL, R.; PÉREZ BAREAS, C.; ROBLEDOS SANZ, B. e TRANCHO GALLO, G. (1995): “Enterramientos y diferenciación social I. El registro funerario del yacimiento de la Edad del Bronce de Peñalosa (Baños de la Encina, Jaén)”, *Trabajos de Prehistoria*, 52:1, pp. 87-108. Madrid.
- DRIESCH, A. V. D. e BOESSNECK, J. (1974): “Kritische Anmerkungen zue Widerristhöhenberechnung aus Langenmassen vor-und frühgeschichtlicher Tierknochen”, *Saugetierkundliche Mitteilungen*, 22, pp. 325-348. München.
- HURTADO, V. e AMORES, F. (1984): “El Tholos de Las Canteras y los enterramientos del Bronce en la necrópolis de El Gandul (Alcalá de Guadaira, Sevilla)”, *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 9, pp. 147-174. Granada.
- LIESAU, C. e SCHUBART, H. (2004): “Grabanlagen und Beigaben aus organischem Material im Bestattungsritus von Fuente Álamo”, *Madrid Mitteilungen*, 45, pp. 97-107. Madrid.
- LULL, V. (2000): “Argaric Society: death at home”, *Antiquity*, 74, pp. 581-590. London.
- LULL, V. e ESTÉVEZ, J. (1986): “Propuesta metodológica para el estudio de las necrópolis argáricas”. Em *Actas del Congreso “Homenaje a Luis Siret (1934-1984)”*. Sevilla: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, pp. 441-452.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2009): “La sepultura de Belmeque (Beja, Bajo Alentejo). Contactos com el Egeo durante el Bronce final I del Suroeste de la Península Ibérica (1625-1425 AC)”, *Veleia*, 26, pp. 235-264. Leioa.
- REIMER, P. J.; BAILLIE, M. G. L.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J. W.; BERTRAND, Ch. J. H.; BLACKWELL, P. G.; BUCK, C. E.; BURR, G. S.; CUTLER, K. B.; DAMON, P. E.; EDWARDS, R. L.; FAIRBANKS, R.; FRIEDRICH, M.; GUILDERTSON, Th. P.; HOGG, A. G.; HUGHEN, K. A.; KROMER, B.; MCCORMAC, G.; MANNING, S.; RAMSEY, Ch. B.; REIMER, R. W.; REMMELE, S.; SOUTHON, J. R.; STUIVER, M.; TALAMO, S.; TAYLOR, F. W.; VAN DER PLICHT, J. e WEYHENMEYER, C. E. (2004): “IntCal04 Terrestrial Radiocarbon Age Calibration, 0-26 cal Kyr BP”, *Radiocarbon*, 46:3, pp. 1029-1058. Tucson.
- SÁNCHEZ ROMERO, M.; ARANDA JIMÉNEZ, G. e ALARCÓN GARCÍA, E. (2007): “Gender and Age Identities in Rituals of Comensality. The Argaric Societies”, *Treballs d'Arqueologia*, 13, pp. 69-89. Barcelona.
- SANTOS, F. J. C.; AREZ, L.; SOARES, A. M. M.; DEUS, M.; QUEIROZ, P. F.; VATÉRIO, P.; RODRIGUES, Z.; ANTUNES, A. S. e ARAÚJO, M. F. (2009): “O Casarão da Mesquita 3 (S. Maços, Évora): um sítio de fossas ‘silo’ do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11 (2), pp. 55-86. Lisboa.
- SCHUBART, H. (1965): “Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo”, *Arquivo de Beja*, 22, pp. 7-124.
- (1971): “Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste peninsular”, *Trabajos de Prehistoria*, 28, pp. 153-182. Madrid.

- (1974): “Novos achados sepulcrais do Bronze do Sudoeste II”. Em *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, II, pp. 65-86.
- (2004): “La cerámica argárica en la estratigrafía de Fuente Álamo. Campañas de 1977-1982”, *SPAL*, 13, pp. 35-82. Sevilla.
- SCHUBART, H. e ARTEAGA, O. (1986): “Fundamentos arqueológicos para el estudio socio-económico y cultural del área de El Argar”. Em *Homenaje a Luis Siret 1934-1984 (Cuevas del Almanzora 1984)*. Sevilla, pp. 289-307.
- SCHUBART, H.; ARTEAGA, O. e PINGEL, V. (1989): “Fuente Álamo. Vorbericht über die Grabung 1988 in der bronzezeitlichen Höhensiedlung”, *Madrider Mitteilungen*, 30, pp. 85-90. Mainz.
- SILVA, C. T. e SOARES, J. (1981): *Pré-História da Área de Sines. Trabalhos Arqueológicos de 1972-77*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- (2009): “Práticas Funerárias no Bronze Pleno do Litoral Alentejano: o Monumento II do Pessegueiro”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, pp. 389-420. Oeiras.
- SILVER, I. A. (1969): “The ageing of domestic animals”. Em BROTHWELL, D. R. e HIGGS, E. (eds.): *Science in Archaeology*. London, pp. 250-268.
- SOARES, A. M. M. (1994): “O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa”. Em *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. 2, pp. 179-197.
- (2000): “Necrópole do Bronze do Sudoeste dos Bugalhos (Serpa)”, *Vipasca*, 9, pp. 47-52. Aljustrel.
- (2008): “O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11 (1), 33-51. Lisboa.
- SOARES, A. M. M.; SANTOS, F. J. C.; DEWULF, J.; DEUS, M. e ANTUNES, A. S. (2009): “Práticas Rituais no Bronze do Sudoeste – Alguns dados”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, pp. 433-456. Oeiras.
- VALERA, A. C. e FILIPE, V. (2010): “Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): Nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze”. Em *Apontamentos de Arqueologia e Património 5*. Lisboa: NIA-ERA (www.nia-era.org), pp. 49-56.